

As águas do Rio Capibaribe – Pernambuco: um estudo sobre a valorização da cultura local

Betania Maciel¹

Daniel Mesquita²

RESUMO

Estudar as formas de utilização do Rio Capibaribe, mais além de meio de transporte, destacando passeios, lazer, divulgação da cultura, diversão para todas as classes sociais e valorização da cultura local. Para as possíveis contribuições do transporte fluvial como meio de preservação foram apontadas as campanhas educativas, a redução dos índices de poluição, a conscientização pelo uso, a limpeza contínua do rio e o envolvimento dos órgãos públicos competentes. A busca constante de soluções para os problemas de transporte existentes na cidade do Recife, volta-se o olhar para a viabilidade da utilização e do aproveitamento sustentável do rio Capibaribe. Como problema de pesquisa nos apropriamos do conhecimento das estratégias de folkcomunicação, para entender as formas de utilização do Rio pelas classes populares e como os órgãos oficiais do governo utilizam o saber popular para comunicar uma nova forma de utilização sustentável do Rio Capibaribe para o desenvolvimento local, através do estudo de caso e análise bibliográfica de documentos oficiais e aplicação de questionários com pessoas ribeirinhas em áreas de abrangência às margens do rio Capibaribe, na cidade do Recife.

Palavras-chave: Cultura popular. Desenvolvimento local. Sustentabilidade.

Introdução

A utilização do Rio Capibaribe, mais além de meio de transporte, destacando passeios, lazer, divulgação da cultura, diversão para todas as classes sociais e valorização da cultura local. Para as possíveis contribuições do transporte fluvial como meio de preservação foram apontadas as campanhas educativas, a redução dos índices de poluição, a conscientização pelo uso, a limpeza contínua do rio e o envolvimento dos órgãos públicos competentes. A busca constante de soluções para os problemas de transporte existentes na cidade do Recife, volta-se o olhar para a viabilidade da utilização e do aproveitamento sustentável do rio Capibaribe. Como problema de pesquisa nos apropriamos do conhecimento das estratégias de folkcomunicação, para entender as formas de

1 Doutora em Comunicação Social, Mestre em Comunicação Rural, - linha de pesquisa Folkcomunicação, Máster em Ciência, Tecnologia e Sociedade: Comunicação e Cultura pela Universidade de Salamanca, professora do POSMEX -Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – UFRPE .Professora Titular da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. Email: betaniamaciel@gmail.com.

2 Bolsista de Iniciação científica da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA . Curso de Arquitetura e urbanismo. Email: daniel_pemusico@hotmail.com

utilização do Rio pelas classes populares e como os órgãos oficiais do governo utilizam o saber popular para comunicar uma nova forma de utilização sustentável do Rio Capibaribe para o desenvolvimento local, através do estudo de caso e análise bibliográfica de documentos oficiais e aplicação de questionários com pessoas ribeirinhas em áreas de abrangência às margens do rio Capibaribe, na cidade do Recife.

Considerando que Beltrão (1965), nos propõe que os estudos da folkcomunicação é o conjunto sobre os procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore.

A universidade Federal Rural de Pernambuco através do Programa de Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX, desenvolve os trabalhos de extensão rural de forma significativa.

A teoria da folkcomunicação interpreta a comunicação popular a partir da percepção das manifestações culturais, negando a Teoria Difusionista onde esta comunicação partiria do ponto de vista do emissor. Como podemos conferir, no modelo difusionista, o consumo de informações seria um indicador do desenvolvimento sociocultural de um país. Ou seja, considerava “positivas” as possibilidades educativas e informacionais dos meios de comunicação de massa, na condução dos países subdesenvolvidos a outros patamares de desenvolvimento econômico e social. (MACIEL, et al, 2009)

Algumas das pesquisas sobre percepção pública da ciência e/ou inovações tecnológicas apresentam sérios limites ao avaliarem os resultados expressos em questões especificamente técnicas, desprezando muitas vezes a cultura local. Questões fundamentais não são consideradas e muitas vezes não permitem formar visões das inclinações públicas, apresentando muito pouco sobre os complexos mecanismos envolvidos na formação de opinião.

Depreende-se que dois elementos compõem o processo da percepção. *Sensação*: fenômeno de natureza biológica, dependente dos órgãos sensoriais e das estruturas nervosas; através das sensações, sobretudo da visão e audição, o homem põe-se em contato com o meio que o circunda e *Interpretação*: fenômeno de natureza psico-social, pelo qual ganham sentido ou significado os objetos ou fatos captados pelos órgãos sensoriais; influem decisivamente na interpretação, as culturas e subculturas.

Enquanto a sensação é um fenômeno essencialmente constante para a espécie humana, a interpretação é essencialmente variável de sociedade para sociedade (variabilidade sincrônica), de

segmento para segmento social, nas culturas complexas (variabilidade subcultural), e ao longo da história de cada cultura (variabilidade diacrônica).

O campo das ciências da comunicação ampliou-se em 1960 para incorporar “novos segmentos comunicacionais (cinema, editoração, relações públicas, radiotelevisão, lazer, divulgação científica e extensão rural), quando se fortaleceu a indústria midiática em território nacional” (MELO, 2010, p.24).

Considerando as informações veiculadas pelos meios de comunicação e que a maior parte das nossas ações são constituídas pelas percepções, conclui-se que estas poderão desempenhar importante papel no modo pelo qual os indivíduos procuram resolver os seus problemas de saúde.

Se se considerar, ainda, que as percepções são condicionadas pelas culturas e Subculturas, deve-se convir, então, que estas vão influenciar, também, a conduta:

Cultura (ou subcultura), Percepção e Conduta.

O mundo contemporâneo nos confronta com conceitos diferentes de cultura. O conceito representa uma convenção, portanto, um ponto de vista ou uma leitura que capta aspectos da realidade social em função de determinados interesses. O nosso interesse é a vida dos pobres com dignidade e em justiça, na diversidade de suas culturas, em harmonia ecológica com toda a criação e criatura. (SUESS, 2002).

Os levantamentos foram efetivados através de trabalho de campo. Seguiram a técnica da observação participante que julgamos a mais adequada de um conjunto de informações sobre o objeto empírico. Assim, formamos um corpo de dados e documentos etnográficos, incluindo: entrevistas (de gênero variável); mapas; filmagens; fotos e gravações. Este material embasa e complementa a fórmula teórica.

A cultura é um mosaico de práticas que configuram o “projeto de vida” de um povo ou grupo social. As atividades culturais estão orientadas para a *adaptação* e *organização* da vida, e para a *expressão* e *interpretação* do sentido desta vida. Através de sua cultura, os grupos sociais se *adaptam* ao seu meio ambiente, se *associam* uns aos outros, criam laços intra e interculturais e se organizam em instituições sociais, *expressam* seu pensamento e sentimento e *interpretam* seu estar-no-mundo e seus sonhos de um futuro melhor. (SUESS,2002).

Para homogeneizar as referências comuns e acontecimentos de caráter social (eventos) e localizações (pontos) dividimos o mapa da área pesquisada em duas partes. Isto facilitou bastante a comunicação entre os entrevistados.

Procedimentos metodológicos

Todos os procedimentos que adotamos na pesquisa foram também aplicados no controle. Variou apenas a intensidade e a amplitude do esforço em cada exemplo.

As etapas de realização do projeto, que durou dois meses, finalizado em dezembro de 2011, compreenderam em termos genéricos:

1. Elaboração do plano de trabalho inicial, objetivando: a) discutir as propostas básicas no que se referia a percepção pública de ciência; b) – redesenhar a linha teórica e rever a metodologia original. A ação consistiu em : sessões de estudo intensivo, com leitura de textos pré-selecionados em sala de aula; contatos com pessoas que tinham vivencia das áreas escolhidas como universo; reuniões do tipo *brain-storming*, com a leitura de autores e dos professores que possuem práticas de estudos de ciência.
2. Disposições preliminares necessárias à execução dos grandes conjuntos de tarefas no campo: detalhamento de cronograma; especificação de estratégias de atuação; fixação de datas de encontros de estudo e de seminários de avaliação.

A partir das premissas teóricas definidas na etapa 1, o trabalho assumiu duas trajetórias paralelas. Ficou estabelecido que elas se entre alimentariam pela execução de reuniões de estudo regulares e pela realização de seminários intermediadores das principais etapas da pesquisa. Uma das trajetórias se ocupou em parecer aos levantamento dos recortes do espaço pelos grupos sociais de usuários. Seu objetivo era buscar as categorias e os princípios classificatórios no discurso dos informantes que orientam as diversas formas de referência e compreensão do que é conhecimento científico e conhecimento popular.

3. Observações qualitativas, entrevista e registro iconográfico das várias situações encontradas nos campo. Determinação dos sub universos de significação que permitem a compreensão do sentido dado ao que se entende por científico.

Durante os exercícios de investigação realizados formou o conceito de identidade do grupo dentro da diversidade.

4. O conhecimento apreciado foram percebidos através dos processos de apropriação correntes entre seu frequentadores.
5. Retomada da ênfase atribuída capaz de impor um leque de alternativas limitadas às aspirações e necessidades da população e de restringir as opções de ação. Estudo dos detalhes de planos e projetos executados ou propostos para as duas áreas através do tempo . Confronto das idealizações aí contidas com as práticas efetivas e anteriores segundo as

memórias dos residentes moradores. Análise e crítica das distorções e adaptações resultantes.

Reconstrução da história do uso dos lugares através da leitura de proposições, decretos e legislação pertinente. Recolhimento de fases

A ideia da educação para o desenvolvimento local está diretamente vinculada a esta compreensão, e à necessidade de se formar pessoas que amanhã possam participar de forma ativa das iniciativas capazes de transformar o seu entorno, de gerar dinâmicas construtivas. Hoje, quando se tenta promover iniciativas deste tipo, constata-se que não só os jovens, mas inclusive os adultos desconhecem desde a origem do nome da sua própria rua até os potenciais do subsolo da região onde se criaram. Para termos cidadania ativa, temos de ter uma cidadania informada, e isto começa cedo. A educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la. (DOWBOR,2006).

Em uma sociedade onde os ícones de desenvolvimento são retirados da ciência e da tecnologia, a cultura popular é apreciada como algo relacionado à sub desenvolvimento. Mas, muitas vezes, o progresso científico é temido como "não natural", enquanto seus críticos são marcados como "irracional". Acreditam que as preocupações populares são rejeitadas pelo valor ostensivamente neutro dos cientistas e estas polêmicas positivistas são observadas em nossa pesquisa.

A modernidade substituiu as autoridades tradicionais pela autoridade de uma suposta razão única. Mas, esta razão, que se desdobra nas culturas, e mesmo nas ciências, com vozes diferentes, não dispensa o diálogo. Através da democracia, a modernidade formalizou o diálogo político. Este diálogo está permanentemente ameaçado pelas interferências do poder econômico que, além do lucro, poucos argumentos é reconhecido.

Ao considerarmos o desenvolvimento local como referente a processos que mobilizam pessoas, “é possível, portanto, compreendê-lo como um amplo processo de comunicação”, daí a necessidade das políticas e programas do governo formularem “estratégias de comunicação apropriadas, direcionadas à promoção da mobilização social de forma a possibilitar maior participação da sociedade local”. (ANDRADE NETO; CALLOU, 2009, p.170)

Hoje, no mundo marcado por contatos interculturais, impostos pelos meios de comunicação, por migrações, interdependências econômicas e rápidas transformações, o diálogo entre culturas é uma exigência da convivência e sobrevivência de diferentes projetos de vida e lógicas culturais. Mas, o diálogo é também uma necessidade no interior de cada cultura onde emergem conflitos entre tradição e inovação.

A extensão rural no âmbito do desenvolvimento local significa uma ação que vai além das atividades agropecuárias e pesqueiras, mantendo três dimensões históricas: desenvolvimento; educação informal e participação como passaporte-cidadão e como conquista (CALLOU, 2006a).

O diálogo entre as culturas e nas culturas faz parte da responsabilidade de cada projeto de vida pela paz universal da humanidade e pela continuidade do projeto de toda a criação.

Pode-se esperar encontrar percepções e condutas diferentes – entre elas, as atinentes à saúde e doença – embora referidas a uma mesma situação ou a um mesmo problema.

Impõe-se, daí, conhecer a cultura ou a subcultura das sociedades ou segmentos sociais com que trabalhamos para compreendermos a conduta dos indivíduos em relação à saúde e à doença, bem como para nelas podermos influir, modificando-as.

Considerando as ideias de Vogt e Polino (2003) a importância da ciência e da tecnologia no mundo moderno, bem como sua influência nos processos de transformações políticas das sociedades contemporâneas, é ponto indiscutível.

Como exemplo, a medicina popular, a natureza sobrenatural, o mau-olhado, que é, frequentemente percebida de modo diferente, pelo médico e pela mãe de uma criança doente, portadora, a seus olhos, desse mal.

Para o médico, o mau-olhado não teria existência real, ocorrendo apenas na mente de algumas pessoas. Nessas condições, costuma dizer ao doente que o mau-olhado não existe ou que é ridículo pensar-se "nessas coisas".

Para o doente, o mau-olhado seria algo real, tanto que, diversas pessoas conhecem muitas crianças que já padeceram dessa doença. A "prova" de que o mau-olhado existe poderia ser encontrada no fato de que há pessoas que sabem tirar esse mal com orações, no que são, frequentemente, bem sucedidas.

Mas o conhecimento científico interage com práticas externas à comunidade científica. Pode-se dizer que a produção científica é consumida de maneiras e por consumidores diferentes, que farão dela diferentes usos sociais. O uso feito pelos atores externos à comunidade científica varia muito, bem como a origem dessa

transferência do produto científico para um consumidor externo. Esse fenômeno se relaciona às velhas questões quanto à utilidade e aplicabilidade do conhecimento (COUTINHO e LUCATELLI, 2006).

É perceptível que a tecnologia gera, pelo menos em certo grau, um desassossego social, o qual aflora na forma de mitos tecnológicos baseados, sem superstições e preconceitos irracionais. Estas colocações levam-nos à necessidade de estabelecer algumas bases de referência sobre o papel a ser representado pela tecnologia no terreno da educação, tanto na sua vertente conceitual, como diante das situações práticas. (QUINTANILLA, 1989 *apud* BONETT et all, 2008, p.23),

Os profissionais experientes nos campos da saúde pública, medicina, enfermagem e odontologia, geralmente estão familiarizados com fatos como os apontados, e sabem, por conseguinte, avaliar os seus reflexos na determinação do sucesso de um profissional ou da organização para a qual trabalha; provavelmente, devem ter sofrido decepções e colhido insucessos quando, ainda pouco afeitos a esses problemas, menosprezaram sua importância.

Para Castelfranchi, a cultura de cada país determina o grau de confiança na divulgação científica feita pela imprensa. No caso do Brasil, os jornalistas encabeçam a lista de fontes mais confiáveis sobre os grandes temas. Já na Europa, os consumidores de informação são mais céticos em relação ao papel da imprensa na divulgação científica. "Os europeus culpam os jornalistas pela pouca e má informação sobre ciência e tecnologia", diz (PEREIRA,2007, p.47).

Não é de se surpreender que juntamente com estas tendências da cultura popular, aparece uma mudança profundamente perturbadora e coletiva da atitude da sociedade.

O público em geral já não vê a ciência, muito menos as verdades supremas do universo, com um sentimento de temor e mistério, mas considera-o conservador e mundano, "preso" no pensamento lógico.

até que ponto estão de fato enraizado na sociedade e na cultura brasileira as vitórias recentes que os pesquisadores acreditam ter obtido no Congresso Nacional, a respeito da liberação dos alimentos transgênicos e das células-tronco embrionárias, com a aprovação da nova Lei de Biossegurança". Comentário de Marcelo Leite, jornalista da Folha de São Paulo, nos coloca a seguinte reflexão(BORTOLIERO , 2011).

É como se as algemas de rigidez tenha sido removida, quando atitudes são transmitidas na televisão, nos livros, nos filmes sobre alguma variedade de fenômenos paranormais.

Não é tanto que um grande número de crianças e adultos vão ser sugados por ataques em sistemas

de crenças (canalização, raptos, e assim por diante), mas que eles vão ser levados a aceitar a mensagem implícita de que ciência é chata, conservadora, fechada, desprovida de mistério, uma força negativa na sociedade. Novamente, esta mensagem não é evidente, mas tácita, talvez nem mesmo conscientemente é percebida.

Considerações Finais

Em pleno século XXI, observamos com esta pesquisa, a partir do ponto de vista da informação científica e da comunicação popular, que a comunidade estudada, observada sob uma ética e uma crítica aos atuais modelos de informação, que nos impõe o uso de tecnologias sem justiça social e a uma divulgação científica sem nenhum compromisso com o desenvolvimento sustentável, humano e social, reconhece que o que é verdade hoje na ciência, pode ser desconstruído amanhã, corroborando o conceito de verdade da ciência como provisória.

A percepção pública da ciência mostram que é grande o interesse do grupo estudado pela Ciência, mas poucos entendem o que é divulgado e não fazem ligação direta com seu cotidiano, economia ou política nacional. Os meios de comunicação de massa e as escolas são responsáveis pela divulgação das pesquisas científicas e assim devem apresentar o discurso do cientista como representação de suas formas de observação cotidianas, representadas pela cultura popular.

A percepção pública de ciência é construída de forma singular, que só é possível vislumbrar dentro de um contexto, à luz das raízes de uma realidade e identidade cultural. Diante disso, inferimos que este estudo, nos forneceu estes subsídios para uma melhor compreensão de ciência através cultura popular e das estratégias na perspectiva da folkcomunicação, a qual só é entendida através dos meios populares.

Finalmente, a pesquisa sobre a percepção pública de ciência nesta comunidade, nos trouxe a reflexão que requer um adequado aprofundamento e enquadramento metodológico, considerando que o impacto que a ciência e a tecnologia traz para esta comunidade, reflete em grande parte o que é passado pelos meios de comunicação de massa e o que se desenvolve na escola, refletindo desta forma a realidade social dentro do conceito de folkcomunicação.

Referências

ANDRADE NETO, Austriclinio B. de; CALLOU; Angelo Brás F. **Estratégias de Comunicação nos**

programas de combate à pobreza rural do Nordeste. In: INTERCOM – *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo: v.32,n.2, jul./dez,2009, p.165-184.

BONETT, L. P.; MACHADO, T.; BIANCHI, V. L. T.; FERNANDES, D. O.; ALMEIDA, M. Percepção de alunos do Ensino Médio sobre ciência e tecnologia. **EDUCERE - Revista da Educação**, Umuarama, v. 8, n. 2, p. **95-117, jul./dez. 2008.**

CALLOU, Angelo Brás Fernandes. Estratégias de comunicação em contextos populares: Implicações contemporâneas no desenvolvimento local sustentável.. In: *Assistência Técnica e Extensão Rural: construindo o conhecimento Agroecológico*. Jorge Tavares, Ladjane Ramos (Orgs). Manaus, 2006a. P. 53 – 66.

COUTINHO, Marília and LUCATELLI, Márcio. Produção científica em nutrição e percepção pública da fome e alimentação no Brasil. *Rev. Saúde Pública* [online]. 2006, vol.40, n.spe, pp. 86-92. ISSN 0034-8910. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102006000400013>.

Dowbor, L. Educação e desenvolvimento local, 2006. disponível em: <http://www.dowbor.org/06edulocal.doc> acesso em: 13/10/2011.

GUIVANT, Julia S.. Transgênicos e percepção pública da ciência no Brasil. *Ambient. soc.* [online]. 2006, vol.9, n.1, pp. 81-103. ISSN 1414-753X. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-753X2006000100005>.

HOHLFELDT, Antonio - Luiz Beltrão - O profissional de jornalismo e o preparador de jornalistas in BELTRÃO, Luiz - Op. Cit., p. 33 e ss.

MARQUES DE MELO, José Marques de. Mídia e Cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação. São Paulo: Paulus, 2008.

MARQUES DE MELO, J. (org.). 2006b. Regionalização midiática. Taubaté, UNITAU.

MELO, Maria José Gonçalves de. A inserção do ecoturismo no Brejo de Serra Negra/Bezerros/PE: uma proposta concreta de desenvolvimento socioespacial? 2005. 124 p. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005. Orientador: CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de.

PEREIRA, Murilo Alves. Pesquisa ibero-americana mede a percepção pública de C&T. *Cienc. Cult.* [online]. 2007, v. 59, n. 3, pp. 19-20. ISSN 0009-6725.

SUESS, P. As Culturas em diálogo. Texto-Base da Agenda latinoamericana'2002. Disponível:<<http://latinoamericana.org/2002/textos/portugues/SuessPortuguesLongo.htm>> Acesso em: 22/12/2011.

VOGT, C.; POLINO, C. (Org.). Percepção pública da ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2003.

BONETT, L; MACHADO, T.; LYZYK, V.;BIANCHI; FERNANDES, D.; ALMEIDA, D. percepção de alunos do ensino médio sobre ciência e tecnologia . **EDUCERE - Revista da Educação**, v. 8, n 2, p. 95-117, jul./dez. 2008